

LENDO O ESPAÇO PARA COMPREENDER A HISTORICIDADE DA ESCOLA: UM ESTUDO SOBRE ALFABETIZAÇÃO PATRIMONIAL NA UMEI ARCA DE NOÉ.

PRISCILA PEDRO ANDRADE (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO).

Resumo

A presente comunicação visa compartilhar os resultados de uma pesquisa monográfica que teve como objetivo a leitura do espaço arquitetônico e relacional da Unidade Municipal de Educação Infantil “Arca de Noé”, uma escola localizada no município de São Gonçalo. Buscamos a partir da investigação do cotidiano escolar, através de uma perspectiva de “alfabetização patrimonial” (TAVARES, 2003, 2005), compreender o caráter político–epistemológico dessa concepção alfabetizadora na escola. Procuramos levar em consideração a complexidade da escola, para além de seu caráter de sistema educativo, entendendo que esta deve ser um locus de formação de leitores críticos de seu mundo, que privilegie a discussão e reflexão das questões de ordem política, econômica, cultural e social, bem como às políticas ligadas ao direito à escola e a educação de qualidade. Através de uma “escuta sensível” (BARBIER, 1992), fundamentada na perspectiva freireana (1986) de “leitura de mundo” e trabalhando no campo da “alfabetização patrimonial”, a escola foi tomada como um “livro de espaços” (ALVAREZ, 1994), como um patrimônio que se encontra na materialidade, mas também em sua intangibilidade, que deve ser lido e interrogado. Foi proposto um movimento de ler e complexificar o espaço físico e as “texturologias” (CERTEAU, 1994) que o compõe e conseqüentemente as relações e discursos que acabam por ser expressos através destas, com a finalidade de conhecer a historicidade da escola e compreender o seu cotidiano. Neste sentido, foi possível aprender sobre as diferentes lógicas que permeiam este espaço, bem como os impactos gerados na vida dos sujeitos escolares, principalmente das crianças, levando a compreensão de um projeto político para a infância.

Palavras-chave:

Alfabetização Patrimonial, Cotidiano Escolar, Educação Infantil.

A presente comunicação visa compartilhar alguns movimentos e resultados da pesquisa monográfica intitulada “Lendo o espaço para compreender a historicidade da escola: um estudo sobre alfabetização patrimonial na educação infantil”, orientada pela professora doutora Maria Tereza Goudard Tavares e entregue ao Departamento de educação da Faculdade de Formação de Professores da UERJ para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

A pesquisa monográfica norteou-se pelos seguintes objetivos:

- i) Objetivo geral: tomar como foco a temática da “alfabetização patrimonial” (TAVARES, 2003), relacionando-a com difusão e problematização da história e da memória local, construindo com os sujeitos escolares um outro olhar sobre os espaços vivenciados por eles.
- ii) Objetivos específicos: realizar a leitura do espaço físico e relacional da Unidade Municipal de Educação Infantil Arca de Noé e investigar a Unidade Municipal de Educação Infantil Arca de Noé através da lentes infantis.

Os caminhos da pesquisa ancorando-se numa metodologia polifônica nos desafiou a ultrapassar fronteiras e limites epistemológicos. A opção pela pesquisa qualitativa nos possibilitou viver a experiência de uma “comunidade investigativa” (WELLS,1994), em que o trabalho de campo, longe de ser um espaço de coleta de dados possibilita um movimento de ação-reflexão-ação coletiva sobre o conhecimento, corroborando com o que SANTOS(2000) defende como papel de uma pesquisa numa perspectiva emancipatória.

Diante dos objetivos traçados e da metodologia escolhida , buscando uma maior organicidade, o trabalho monográfico foi organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo apresentei reflexões que articulam e aproximam a escola e a perspectiva educativa da “alfabetização patrimonial”. No segundo capítulo abordei a minha entrada na UMEI Arca de Noé (Unidade Municipal de Educação Infantil Arca de Noé), escola onde foi realizado o trabalho de campo, trazendo a minha leitura e reflexão acerca do espaço físico-material e das múltiplas “texturologias” (CERTEAU,1994), que o compõe. Já no terceiro capítulo, procurei apresentar a UMEI Arca de Noé a partir das considerações de um grupo de crianças que lá estudavam, através da problematização de suas narrativas e desenhos livres, visando compreender como elas liam e viam a sua própria escola, e se apropriavam da perspectiva de uma “alfabetização patrimonial”.

1- A escola e a “alfabetização patrimonial”

Compreendendo a complexidade da escola, pensamos que para além de seu caráter reprodutivista, esta deve ser um locus de formação de leitores críticos de seu mundo e que privilegie a discussão e reflexão de questões de ordem política, econômica, cultural e social e especificamente de políticas ligadas ao direito à escola e a educação infantil de qualidade.

Neste contexto, visando à formação desse leitor crítico é que encontro a importância de partir da leitura de estruturas escalares micro, do qual faz parte o cotidiano escolar, do espaço vivenciado pelos sujeitos escolares, para que possamos compreender e complexificar questões que permeiam este âmbito e que atravessam/desafiam/subvertem a conjuntura macrossocial.

A partir de meus estudos, venho compreendendo o local não apenas como uma territorialidade geográfica, espaço físico/material, mas sim, como uma teia de relações e práticas sociais que se dinamizam e atravessam os vários níveis da ação humana. Logo, estudá-lo é problematizar as relações de natureza sócio-culturais mais amplas dos sujeitos com e no cotidiano, buscando compreender estas relações.

A “alfabetização patrimonial” nos propõe um trabalho a partir da leitura das diferentes “texturologias” do espaço escolar, tomando a escola como um patrimônio que para além de sua materialidade física também se encontra na sua intangibilidade. Sendo assim, tomamos a escola como um “livro de espaços” (ALVAREZ, 1994) que deve ser lido, complexificado, interpretado e apreendido por aqueles que a vivenciam diariamente, buscando em especial uma problematização no que diz respeito ao direito à escola e a educação infantil socialmente referenciada.

Associar alfabetização com a leitura das “texturologias” presentes seja no espaço escolar, no cidadão ou em outros, é pensá-la de maneira mais ampla, problematizando a concepção stricto sensu de alfabetização e voltando-se para uma proposta educativa baseada na perspectiva freireana de alfabetização, em que a leitura de mundo precede e acompanha a leitura da palavra. Logo, antes mesmo de aprender a ler e escrever os sujeitos já fazem suas leituras de mundo e essas leituras podem e devem ser consideradas em sala de aula. Ler o mundo é ler, complexificar, o espaço e as relações sociais, políticas, históricas, culturais que o compõe.

A “alfabetização patrimonial” enquanto um conceito transversal a ser desenvolvido nos currículos escolares, ao nosso ver, contribuiria para produzir um sentimento de pertencimento e cidadania dos sujeitos escolares, apostando na díade conhecimento/preservação. Acreditamos que há uma grande probabilidade de se cuidar, preservar, zelar e lutar por aquilo que conhecemos, gostamos, nos identificamos, que aprendemos como nosso e que faz parte da nossa memória e história.

Em uma concepção ampliada a “alfabetização patrimonial” pode ser traduzida por ser uma ferramenta teórico-prática que se volta para a leitura do cotidiano das pessoas, dos diferentes textos que compõe o(s) seus mundo(s), bem como das realidades dos sujeitos escolares. Assim, o trabalho monográfico voltou-se especificamente para os sujeitos escolares do município de São Gonçalo, cidade periférica localizada no leste metropolitano do Estado do Rio de Janeiro. Município no qual pude ter como “patrimônio”, uma educação pública oferecida basicamente em escolas públicas da cidade. O meu campo propriamente dito de investigação, foi a UMEI Arca de Noé, escola de educação infantil que nos recebeu e autorizou a minha pesquisa “parceira” durante mais de dois anos.

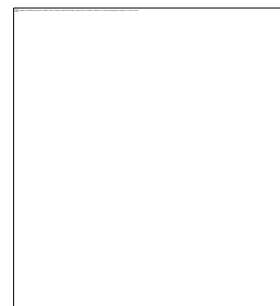
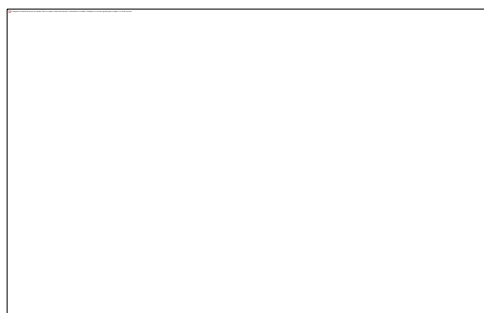
2- A entrada no campo: impressões de uma jovem pesquisadora a partir da leitura da escola

Iniciei o trabalho de campo acreditando que mais do que em outro momento, era necessário construir uma “escuta sensível” da escola e de seus movimentos. Procurei ter um olhar mais atento sobre as possíveis pistas que pudessem surgir no meio do caminho, lembrando sempre que o espaço “fala”, transmite uma mensagem que precisa ser lida, complexificada, se tornando um problema de investigação.

No espaço não há neutralidade, como nos afirma Escolano e Frago (1998: 64): “[...] o espaço jamais é neutro: em vez disso, ele carrega, em sua configuração como território e lugar, signos, símbolos e vestígios da condição e relações sociais de e entre aqueles que o habitam”.

Sendo assim, é de grande importância ter um “olhar investigativo” e uma “escuta sensível” em relação ao espaço físico, material e arquitetônico em que o trabalho de campo foi realizado, acreditando que eles dão pistas para a compreensão das condições e relações que se mantêm naquele lugar.

A partir da leitura do espaço material da escola, dois dados reveladores se destacaram e ambos se localizam na fachada da mesma. O primeiro é o escudo escrito “Exército de Salvação”, e o outro é uma placa que diz ser aquela escola uma entidade de fins filantrópicos, para prestar atendimento a pessoas carentes.



Fico preocupada quando penso que a palavra “carente” naquele local está se referindo às crianças, o que contribui para que estas sejam tratadas como sujeitos sem direitos, fazendo com que a educação escolar oferecida seja vista como uma forma de favor que está sendo realizada, o que na verdade não o é. Pelo contrário, é direito das crianças usufruírem do estudo e daquele espaço, já que a escola é municipal, mesmo que esteja instalada em um prédio de uma igreja, questão que vai se revelando com a nossa investigação.

Assim, partindo dos dados, busquei refletir que espaço era aquele e quais as lógicas que permeiam as práticas daquela escola, uma vez que “o espaço reflete a cultura das pessoas que nele vivem de muitas formas [...]” (GANDINI, 1999: 150).

O escudo escrito “Exército de Salvação” nos apontava para a necessidade de investigar o que significava este Exército e assim fizemos, suspeitava que se referisse a alguma questão religiosa, pois sabemos que historicamente, para além de uma análise semiológica, a arquitetura escolar:

O edifício-escola, como se sabe, serviu de estrutura material para colocar o escudo pátrio, a bandeira nacional, as imagens e pensamentos de homens ilustres, os símbolos da religião, algumas máximas morais e higiênicas, o campanário e o relógio [...] Isso expressa toda uma instrumentação da escola a serviço dos ideais nacionais, religiosos e sociomorais. (ESCOLANO; FRAGO, 1998: 40)

Assim, preocupei-me em pesquisar sobre o “Exército de Salvação” e realizei um levantamento inicial sobre o mesmo o que permitiu perceber que a UMEI Arca de Noé está inserida em um dos programas do Exército de Salvação, que é o dos Centros de Educação Infantil. O espaço físico da escola expressa que ali existe um trabalho desenvolvido pela APROSES (Assistência e Promoção Social Exército de Salvação), não só por causa das placas, mas também por conta das outras “texturologias” que estão presentes nas paredes das salas, como, por exemplo, às pinturas de animais caminhando em direção de uma arca, fazendo menção a uma das histórias bíblicas, a da Arca de Noé, que é também o nome da escola.

Diante da leitura dos símbolos que constitui o conjunto arquitetônico daquela escola, o que se coloca é a reflexão sobre os impactos objetivos e subjetivos desse espaço na vida dos sujeitos escolares. Sabendo que: “O espaço não é neutro. Sempre educa.” (ESCOLANO; FRAGO, 1998: 75) e que o espaço- físico material da Arca de Noé possui signos que expressam a presença de uma religiosidade no local. Sendo assim, estamos de acordo com Escolano e Frago (1998: 33) quando dizem que: “A arquitetura escolar é um elemento cultural e pedagógico não só pelos condicionamentos que suas estruturas induzem [...] mas também pelo papel de simbolização que desempenha na vida social.”

Além dos símbolos que nos levou ao conhecimento de uma parceria que a prefeitura do município de São Gonçalo fez com uma instituição religiosa e que leva à educação a um caráter de filantropia, praticando o espaço da escola, pode ser percebido que há uma precariedade no que diz respeito a quantidade de salas, bem como seu estado físico/material,

os banheiros que são inadequados para uma pré-escola, dentre outros aspectos. Diante disso faz-se necessário ressaltar que o que é previsto em lei não está sendo cumprido.

Após um processo gradativo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei nº 9394/96, passou a reconhecer a educação infantil como parte integrante do Sistema Municipal de Educação, o que significa que as creches e pré-escolas na área da assistência devem ser integradas a este sistema, sendo tratadas legalmente como instituições educativas.

Assim, é responsabilidade do município de São Gonçalo oferecer uma escola e educação de qualidade a este grupo que são as crianças da educação infantil. Porém, sabemos que mediante o que foi presenciado na Arca a realidade tem se distanciado da efetivação da lei e isso é uma das problemáticas vivenciadas no município de São Gonçalo, que encontra-se totalmente em crise no que tange sua infra-estrutura.

3- A UMEI Arca de Noé através das lentes infantis

Sendo em minha compreensão, as crianças o grupo dos sujeitos escolares que mais poderão ser impactados com as relações que permeiam o ambiente da escola, além de ser um grupo que historicamente representa uma voz “abafada”, ignorei, priorizei escutá-las, na tentativa de perceber como elas viam e liam a Arca de Noé. Deste modo, elas puderam em nossos encontros, expressarem-se, opinando acerca da escola, acerca do lugar que é seu por direito. Puderam usufruir do que Sarmiento(2007) aponta como “direito de participação”.

Priorizei o trabalho com entrevistas e desenhos devido a pesquisa ser realizada com as crianças que ainda não se possuem o domínio da linguagem escrita. Optei pelas entrevistas, pois é um procedimento teórico-metodológico que possibilitaria o aprofundamento sobre como a infância que fala, ler e ver a escola que “pratica”, e os desenhos, pois é uma linguagem gráfica de representação que traria a interpretação acerca de uma realidade.

Assim, por uma questão ética, a fim de não expor as crianças, já que a escola é pequena e no trabalho cito onde esta se localiza, a turma a que pertencem às crianças e a idade das mesmas, mas ao mesmo tempo não

querendo tirar a autoria delas, uma vez que estaria sendo incoerente e indo contra o referencial utilizado na pesquisa, resolvi pedir a cada criança que escolhesse um nome para aparecer no texto. Pedi para que escolhesse, pois mesmo não tendo o nome verdadeiro delas, foi dada a oportunidade de escolherem o nome que queriam e quando tiverem acesso ao trabalho se identificarão.

3.1- A UMEI Arca de Noé através das entrevistas: a infância que fala!

Na entrevista foi unânime o quanto às crianças gostavam da escola. Todas elas declararam isso, o que ficou diferenciado foi à causa de gostarem. Obtive respostas variadas, desde porque brincam, tem comida gostosa, tem brinquedo, até por causa dos amigos e das tias, figuras que parecem ser expressivos referenciais da escola.

Porque as tias faz um monte de coisa boa. Deixa a gente brincar, conta historinha. (Resposta de Rafiele, 4 anos).

Porque tenho muitos amigos, porque eu brinco. (Resposta de Marcos, 5 anos).

Por que aqui tem muita tia [...]. (Resposta de Tiago, 4 anos).

Quando as crianças se referiam às tias (professoras), aos amigos pude perceber que elas liam a escola como um locus de desenvolvimento social de interação, socialização, criação de relações sócio-afetivas. No prazer que elas tinham em estar naquele espaço por conta das relações que ali mantinham. Assim, o espaço material da Arca de Noé vai se qualificando a partir dessas relações, permitindo perceber que apesar da precariedade físico-material a escola é um espaço prazeroso de estar.

Segundo Lima (1989):

É num espaço físico que a criança estabelece a relação com o mundo e com as pessoas; e ao fazê-lo esse espaço material se qualifica. Ela deixa de ser

apenas um material construído ou organizado para se embeber na atmosfera que as relações ajudam a estabelecer. (p. 13)

Sobre o lugar que mais gostavam a maioria apontou o pátio como o lugar preferido. Esse dado corroborou para a confirmação do pátio como um lugar especial da escola. Assim, o pátio era um lugar que crianças sentiam prazer em estar, principalmente porque era lá que elas brincavam e podiam circular mais.

Aqui fora, no pátio. Porque eu gosto de brincar de escurego. (Resposta de Rafiele, 4 anos).

Aqui fora, no pátio. Porque tem espaço pra correr. A sala é muito pequena. (Resposta de Marcos, 5 anos).

Quando Rafiele e Marcos responderam que era o pátio porque gostavam de brincar, de correr, talvez fosse devido à referência daquele lugar como propício para tal, já que além de ser o maior lugar da escola era também ali, no horário de aula, a sala de recreação.

Especificamente a resposta de Marcos chama a minha atenção, pois expressa que ele tinha a noção de que as duas salas que a escola possui são muito pequenas e de fato é realmente. Assim, é notório que as crianças liam o lugar praticado por elas e sentiam essa precariedade do espaço da Arca de Noé. Fica expresso que elas se apropriaram da escola, a leram e complexificaram, mesmo sem ainda não dominarem a linguagem escrita. Fizeram leituras e estas são significativas e condizentes a uma realidade percebida por todos.

Existem ainda outras falas que apontam para essa denúncia das crianças acerca do espaço. Uma delas foi quando perguntei sobre a existência de um lugar da escola que elas menos gostavam e obtive as seguintes respostas:

Da salinha. Porque é muito calor. Tem ventilador, só que é fraquinho. (Resposta de Rafiele, 4 anos).

As duas salas. Porque sim, porque é pequena. (Resposta de Marcos, 5 anos).

Essas respostas contribuíram para que eu pudesse refletir como elas são impactadas com o descaso vindo da rede municipal de educação de São Gonçalo. Como elas conseguem perceber que estão em um lugar problemático e utilizam aparelhos, como quando citam o ventilador, em condições ruins.

Percebi ao longo das entrevistas, que as falas das crianças são carregadas de sentido, que através das respostas elas se posicionaram acerca de sua realidade. Mostraram que fazem suas leituras de mundo, lêem e questionam sobre o que vivenciam. Assim, no que tange ao espaço físico da escola elas apontaram para a necessidade de um espaço amplo, com a instalação de equipamentos adequados. Ainda pude notar que as relações sócio-afetivas construídas na escola são de grande importância e acaba por tornar este espaço prazeroso, apesar da dificuldade que o mesmo apresenta.

A UMEI Arca de Noé através dos desenhos

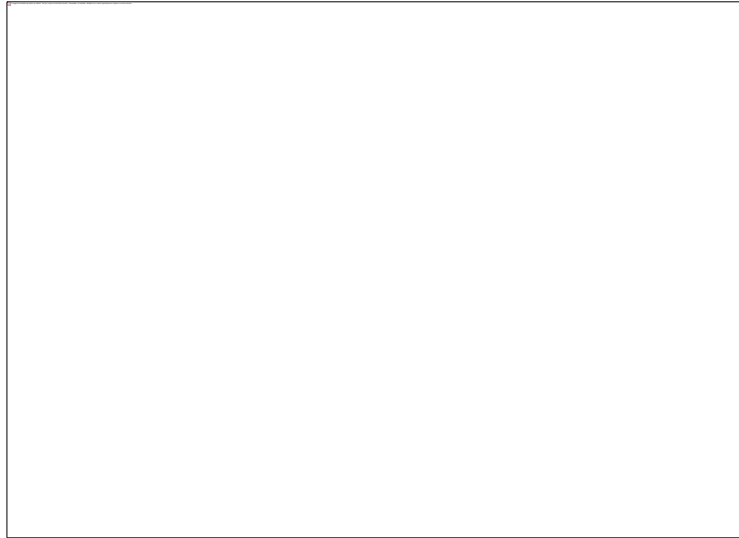
O desenho é uma forma de comunicar algo e as crianças possuem esta noção. A linguagem plástica é uma forma fundamental de comunicação da infância, conforme aborda Almeida (2001):

Desde bem pequenas, as crianças percebem que desenho e escrita são formas de dizer coisas. Por esses meios elas podem 'dizer' algo, podem representar elementos da realidade que observam e, com isso, ampliar seu domínio e influência sobre o ambiente. (p.27)

Assim, tomei os desenhos das crianças como fonte de pesquisa e construção de conhecimento, acreditando que estes poderiam representar o cotidiano escolar.

Quando propus as crianças que fizessem um desenho da escola de pronto, elas pegaram o lápis e rapidamente desenharam. Entre os desenhos, dois aspectos destacaram-se: foram desenhados não somente a escola, mas também o seu entorno; aparecem desenhos de amigos da escola, professores e pais.

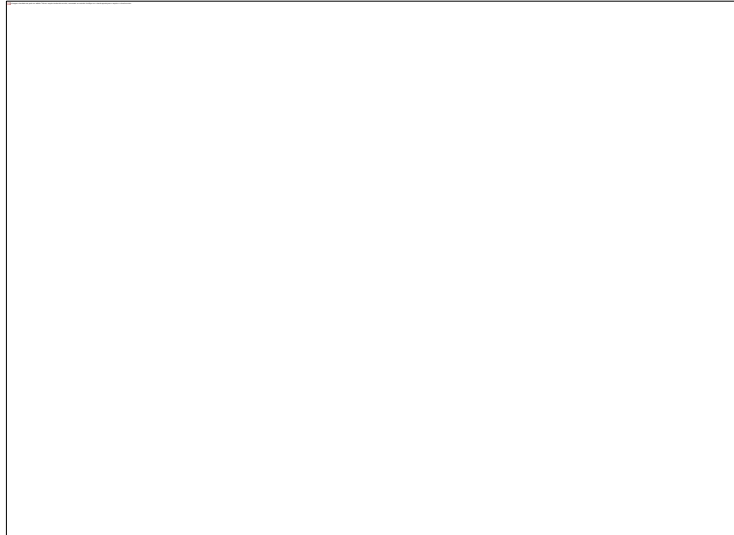
É importante destacar que as crianças fizeram pontuações ao longo da construção dos desenhos e também na hora de entregá-los a mim, assim eu pude destacar algumas destas nos desenhos.



Marcos – 5 anos

O desenho de Marcos de 5 anos parece destacar o pátio como um lugar referencial da escola, haja vista que ele resume o espaço físico da mesma através do desenho do pátio. Também é possível perceber como é marcante ao falar da escola, o destaque dos sujeitos que marcam as relações sócio-afetivas lá construídas. Ele desenhou a professora que chama de Tia, um coleguinha e um amigo que é o motorista da Kombi que o levava e o trazia da escola. Colocou também um arco-íris acima da Arca de Noé, nos possibilitando supor a idéia de felicidade, de que todos vivem felizes naquele espaço. É a idéia de que aquele espaço é um local de prazer, de fazer amizades, de desenvolvimento social.

O destaque dado por Marcos ao pátio talvez se deva ao fato que aquele lugar era o mais vivenciado por ele, sendo também o lugar que mais gostava, como destacou na entrevista. Ali ele fazia refeições, tinha aula de recreação, esperava os pais irem buscar, brincava na hora do recreio, todo esse movimento pode ter contribuído para que este lugar se destacasse.



Camila – 4 anos

Além da escola, Camila fez o desenho de um carro e outras figuras que podem ser prédios, casas, algum comércio perto da escola. Acredito que este desenho representa o trajeto dela até a escola, pois a rua onde está localizada a Arca de Noé possui um movimento de carros, caminhões além de alguns comércios e casas. Isto vem corroborar com a idéia de que as crianças estão atentas às variadas “texturologias” que compõe o espaço, seja ele o cidadão, escolar dentre outros. Elas realizam suas leituras independente de já dominar ou não a cultura letrada. As crianças ao realizarem esse movimento estão se apropriando da base apontada pela “alfabetização patrimonial”, que é a leitura de mundo, que como percebemos através deste exemplo, precede a leitura da palavra.

Através da leitura das crianças ficou reafirmado para mim que apesar de pequenas, elas estão a todo o momento fazendo conexões, interagindo com os assuntos tratados e percebendo as coisas que estão postas ao seu redor e quando lhes é dada à oportunidade expressam suas ideias e visões. Neste sentido, problematizar o direito à escola e educação de qualidade é possível, pois as crianças abrem caminho para tais discussões.

Considerações finais

A leitura crítica da UMEI Arca de Noé nos revelou que nem sempre a efetuação de parcerias entre o Estado e as organizações da sociedade civil são vantajosas para os interesses da população, sendo vantajosas apenas para a economia dos cofres públicos, e a

garantia de investimento da verba pública em outros setores considerados mais rentáveis aos olhos do poder Municipal.

A precariedade do espaço escolar gera impactos sobre os seus sujeitos escolares. As crianças que são parte desses sujeitos, expressaram através das entrevistas e dos desenhos, que percebiam e sentiam tal precariedade.

Assim, através da “escuta sensível” acerca da realidade da UMEI Arca de Noé, do cotidiano dos sujeitos escolares, pude perceber que não há neutralidade no espaço físico como também nas “texturologias” que o compõe, estes revelam a historicidade de um dado projeto político-pedagógico para a infância.

Dentro do que foi percebido ao longo deste trabalho, fica exposto à importância de desenvolver na escola propostas educativas que busquem complexificar o espaço escolar em todas as suas dimensões.

Conforme nos diz Freire (1996), o mundo está sendo, está sempre em “fazimento”. Portanto, não é algo estático e concluído, mas sim em construção. Nesse sentido, entendemos que educadores e educandos devem caminhar juntos rumo à construção de um trabalho pedagógico mais significativo, do ponto de vista afetivo, epistêmico e político. A construção de “mundo melhores”, mais justos e solidários para crianças e adultos, deveria ser um tema central nos projetos político-pedagógicos escolares. A escola de educação infantil por ser justamente um espaço intergeracional, lugar privilegiado do encontro de adultos e crianças com o conhecimento, tem um papel vigoroso na construção de uma sociedade mais democrática, mais justa e fraterna.

Referências bibliográficas:

ASSISTÊNCIA E PROMOÇÃO SOCIAL EXÉRCITO DE SALVAÇÃO. Apresenta o trabalho assistencialista da igreja do Exército de Salvação. Disponível em: < <http://www.aproses.org.br> >. Acesso em: 15 março 2007.

ALMEIDA, Rosângela Doin de. *Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola*. São Paulo: Contexto, 2001.

ALVAREZ, José Maurício Saldanha. *A cidade, livro de espaços*. In: Revista À margem, Rio de Janeiro: Fronteiras, nº 4, 1994.

BARBIER, René. *A escuta sensível em educação*. In: Revista da Anped, Caxambu, nº 5, set./1992.

BRASIL, Presidência da República. Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, 23 dez. 1996.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano – Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

ESCOLANO, A. e FRAGO, A. V. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

EXÉRCITO DE SALVAÇÃO. Apresenta informações gerais sobre a igreja Exército de Salvação. Disponível em: < <http://www.salvos.org.br> >. Acesso em: 15 março 2007.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. São Paulo: Cortez, 1986.

_____. *Pedagogia da autonomia*. 33. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GANDINI, Lella. *Espaços Educacionais e de Envolvimento Pessoa*. In: EDWARDS, C, FORMAN, G, GANDINI, L. *As cem linguagens da criança*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LIMA, Mayumi Souza. *A cidade e a criança*. São Paulo: Nobel, 1989

SANTOS, Boaventura de Souza. *A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência*. Porto: Edições Afrontamento, 2000.

SARMENTO, M. J. *Visibilidade social e estudo da infância*. In: VASCONCELLOS, V. M. e SARMENTO, M. J. Orgs. *Infância (In)visível*. São Paulo: Junqueira Marin, 2007.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. *Os pequenos e a cidade: O papel da escola na construção de uma alfabetização cidadã*. Tese de Doutorado em Educação pela UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

_____. *Por que o local? Um estudo sobre alfabetização patrimonial e a formação de professores de educação infantil em São Gonçalo*. Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Iniciação Científica – PIBIC da UERJ, 2005, mimeo.

WELLS, Gordon. *La formación del maestro investigador*. Madri, 1994, mimeo.